

EMPODERAMENTO FEMININO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS ATRAVÉS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM TEXTOS DO LIVRO DIDÁTICO

ROBERTA PACHECO CAETANO BORGES
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

EMANUELA DE SOUZA CORDEIRO
Instituto Federal de Educação e Tecnologia Baiano - IFBAIANO

Resumo

A pesquisa se propõe a investigar o empoderamento feminino no livro Linguagem e Códigos do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos. Para tanto, traz em sua problemática como as representações da mulher presentes em proposta de leitura e produção textual no Livro Didático contribuem (ou não) para a construção do ato de empoderar-se. A temática mostra-se pertinente nos dias hodiernos em decorrência dos crescentes índices de violência e de opressão contra a mulher que muitas vezes têm culminado em feminicídios. A pesquisa é de cunho bibliográfico, e tem como *corpus* de análise o capítulo “A sociedade e seus costumes” presente no referido livro. O referencial teórico está ancorado, sobretudo, na teoria das representações sociais de Moscovici (2015), que discute os sistemas de classificação das representações que imagens e descrições, mesmo que implícitas, carregam, esboçando significados em uma dada sociedade, e postulados feministas. Ao analisar as imagens e os textos utilizados associados à mulher no capítulo, fica evidente a presença de discursos que podem ser tomados como indicativos de empoderamento, além de alusões patriarcado cultural ou aversão ao feminino no âmbito das relações sociais. Para discussão, são evidenciados os pensamentos de hooks (2020), Freire (2011), Berth (2019), Cury (2009), Schwartz (2023), Batliwala (1994) entre outros.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Empoderamento Feminino. Livro Didático.

Abstract

The research aims to investigate female empowerment in the book Language and Codes of Secondary Education for Youth and Adult Education. To this end, it brings into its problematic how the representations of women present in reading proposals and textual production in the Textbook contribute (or not) to the construction of the act of empowerment. The theme is relevant today due to the growing rates of violence and oppression against women, which have often culminated in femicides. The research is of a bibliographic nature, and its corpus of analysis is the chapter “Society and its customs” present in the aforementioned book. The theoretical framework is anchored, above all, in Moscovici's theory of social representations (2015), which discusses the classification systems of representations that images and descriptions, even if implicit, carry, outlining meanings in a given society, and feminist postulates. When analyzing the images and texts used associated with women in the chapter, it is evident the presence of discourses that can be taken as indicative of empowerment, in addition to allusions to cultural patriarchy or aversion to the feminine in the context of social relations. For discussion, the thoughts of hooks (2020), Freire (2011), Berth (2019), Cury (2009), Schwartz (2023), Batliwala (1994) among others are highlighted.

Keywords: Youth and Adult Education. Female Empowerment. Textbook.

Introdução

O “Power Girl” é uma das frases estampadas nos *outdoors* e camisetas de meninas nessa geração do século XXI. Hoje uma mulher pode exercer cargos antes inalcançáveis e, é possível encontrar referências femininas pelo mundo inteiro. Todas essas ações são reflexos de conquistas do movimento feminista. Original da metade do século XX, conduzido por mulheres de classe média, estudantes da área das ciências humanas, o processo histórico dessa militância produz pensamento crítico e teórico.

Embora a sociedade contemporânea presencie passos firmes da mulher rotulada como “sexo frágil”, isso não significa que essa esteja livre da grande opressão existente nos caminhos da figura feminina. Existe dentro do movimento feminista várias correntes que justificam e ampliam o entendimento a respeito da representatividade e dos direitos específicos de cada grupo em que essas mulheres estão inseridas. Nesse sentido, a problemática em questão se dá na existência de uma nova onda neoliberal que se alojou nas ideias do empoderamento dessas mulheres. Os conceitos fundamentais do movimento vão se contrapondo ao crescente número de violência de gênero.

Ao propor as leituras de temas complexos, de comportamentos enrijecidos culturalmente, a promoção do debate é de suma importância, já que costumes acontecem de forma subconsciente. A construção do pensamento crítico dependerá dos objetivos pedagógicos dos docentes em exercício, pois o empoderar-se é desenvolver uma autonomia elaborada na ampla compreensão de temas problematizadores. Ao decorrer do estudo, essas possibilidades serão abordadas.

O livro didático (doravante LD) definido por Cury (2009, p. 119) como “indispensável na materialização de conhecimentos, elemento simbólico da passagem da leitura ao leitor”, ganha enlevo nesse estudo por seu papel e relevância para a disseminação dos saberes, mas também de ideologias. Com o Instituto Nacional do Livro (INL), o programa do livro didático passa a existir no ano de 1937, prolongando-se aos dias atuais, graças ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

(FNDE), pois passou a ser obrigatória a presença do LD no ensino fundamental e, progressivamente, para o ensino médio.

Então, a partir do debate sobre o empoderamento de mulheres no âmbito das relações sociais, este artigo tem por objetivo analisar a representação da figura feminina na sugestão de leitura e produção textual no LD Linguagem e Códigos do Ensino Médio, mais precisamente nas atividades do Capítulo 5 “A sociedade e seus costumes” da Etapa 2, Unidade 1 denominada “Visões” na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O capítulo em questão foi escolhido para análise por estar contido em um livro destinado ao trabalho educacional do público da EJA. O perfil dos alunos desta modalidade de ensino é composto majoritariamente por mulheres, e cada vez mais jovens, que não tiveram acesso à educação por estarem presas ao trabalho doméstico, pela violência do lar, pela coação dos seus parceiros, por serem mães e/ou por serem chefes de família. A sala de aula da EJA é um conjunto de sonhos, de pais, mães e filhos; famílias inteiras regidas sob a opressão da divisão sexual do trabalho, sendo as mulheres a maioria em busca dessa educação reparadora, de novos caminhos, de liberdade e espaço. São essas personagens que formam as salas da EJA.

A estratégia metodológica utilizada aqui é a exploratória descritiva, que busca entender um fenômeno, descrevendo e mapeando determinado tema, sem, necessariamente, buscar explicar as relações entre as variáveis envolvidas. A fonte para levantamento dos dados é unicamente bibliográfica. Por corpus de análise temos as propostas de leitura e construção de textos as atividades do Capítulo 5 do LD, conforme citado anteriormente.

A Teoria das Representações de Moscovici (2015) servirá de arcabouço teórico para embasar a análise das propostas de leitura mencionadas. O autor estuda as representações sociais no campo da Psicologia Social, em que dentro de um sistema de classificação, as imagens e os conceitos construídos no convívio social, sejam no campo acadêmico ou de conhecimento popular, tornam-se produto de uma sequência completa de elaborações, ou seja, conhecimento prévio. Além dessa teoria, a pesquisa se apoiará nas abordagens teóricas de autoras feministas, como hooks (2020), Berth (2019) e Batliwala (1994), bem como lançará mão de proposições de diversos autores que contribuem para os estudos em educação.

Isto posto, a primeira parte da pesquisa se encarregará de traçar um breve perfil dos alunos da EJA, para, na sequência, abordar as bases teórico-ideológicas do movimento feminista, de modo genérico e, mais precisamente, conceituar empoderamento e empoderamento feminino, os quais têm relação direta com a compreensão de como se configura socialmente o patriarcado e/ou dominação masculina. Discutir-se-á, sucintamente, acerca da mulher e o sistema educacional, e, por fim, segue-se a análise propriamente dita da proposta do livro didático.

O perfil do aluno da EJA

Compondo os movimentos sociais, durante toda história de mobilização, serão encontradas pessoas que se enquadram no perfil do alunado da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A modalidade faz parte da luta por direito à educação. A revolução da educação no campo na América Latina entre 1943-1947 marcou a primeira campanha de alfabetização no continente, dedicando-se tempo e recursos para o ensino. No Brasil, a educação de adultos define sua identidade em 1947, lançando a Campanha de Educação de Adultos para as massas, que tinha o objetivo de alfabetizar em um trimestre, e possuía um cronograma do ensino primário em sete meses. A campanha possibilitou a criação de várias escolas “supletivas”, em outras palavras, com a finalidade de alfabetizar e capacitar profissionais suprimindo o tempo perdido (PEREIRA, 2006).

Pela experiência com os movimentos sociais e com o Partido dos Trabalhadores no Brasil, a figura de Paulo Freire surge como pessoa marcante para a educação popular e educação de jovens e adultos numa política participativa. O marco da educação foi o romper com os modelos tradicionais, a saber, a presença de uma pedagogia libertadora, segundo o pensamento freiriano. Esse movimento reformista no ensino leva em consideração os aspectos globais dos indivíduos ao tratar os processos metodológicos e as didáticas no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Freire (2011, p.17):

Em uma sociedade que exclui dois terços de sua população e que impõe ainda profundas injustiças à grande parte do terço para o qual funciona, é urgente que a questão da leitura e da escrita seja vista enfaticamente sob o ângulo da luta política a que a compreensão científica do problema traz sua colaboração.

Vale ressaltar que, em sua maioria, o público da EJA é composto por mulheres, que ingressam nessa modalidade de estudos cada vez mais jovens. Mulheres essas

que não tiveram acesso à educação por estarem presas ao trabalho doméstico, presas pela violência do lar, pela coação dos seus parceiros, por serem mães e/ou por serem chefes de família. E sendo as mulheres as que mais procuram por essa educação reparadora, compete dizer que a problemática envolve a questão étnico-racial, visto que são as mulheres negras as brasileiras que mais buscam esse espaço educacional. No racismo estrutural brasileiro, elas sofrem a dualidade emblemática do gênero e de raça. Bell hooks (2020, p. 82) fala sobre a temática da mulher que se qualifica que está inserida no mercado de trabalho; e faz uma autoavaliação, sendo a própria autora da classe trabalhadora, mulher negra, afirma que o trabalho não libertava as mulheres da dominação masculina, mas a luta feminista continua e, esta luta consciente é capaz de libertar, empoderar, como seus frutos ao longo das décadas.

A educação dá às mulheres oportunidades, as que se dedicam aos estudos, estão inseridas no mercado de trabalho; ainda que com salários inferiores aos homens. O que bell hooks (2020, p. 87) explica acerca dessa questão conclui o raciocínio dessa seção e abre espaço para a próxima:

Enquanto várias produções acadêmicas feministas nos falam do papel da mulher no mercado de trabalho hoje, de como muda sua autopercepção e seu papel em casa, não temos muitos estudos que nos digam se mais mulheres trabalhando mudou positivamente a dominação masculina. Muitos homens culpam o trabalho das mulheres pelo desemprego, pela perda da identidade estável que ser visto como provedor patriarcal dava a eles, ainda que isso fosse ou ainda seja ficção. Uma pauta feminista importante para o futuro precisa informar os homens sobre a natureza da mulher e do trabalho, de maneira realista, de forma que eles possam enxergar que elas não são suas As representações sociais construídas no contexto cultural fazem parte do conhecimento prévio desses alunos. Um dos pontos para começarmos a refletir sobre o tema é entendermos o movimento feminista e conhecermos as bases do empoderamento.

3310

Movimento feminista e o empoderamento feminino

Ao iniciar esse estudo, foi preciso desprender-se dos pensamentos culturalmente enrijecidos, que colocava o feminismo no meio de todo discurso misógino. Essa desconstrução requer um amadurecimento do ponto de vista científico e altruísta; porque se não houver a existência da curiosidade pelo “novo”, e por entender ou buscar a compreensão colocando-se no lugar da mulher, ou que a puseram, ficará difícil manter o diálogo na perspectiva da autonomia em termos de saber elaborar seu próprio conceito a respeito “desse” ou de “outro” assunto.

A escolha da temática como recorte desse estudo, deu-se pela crescente porcentagem do mundo falando sobre feminismo e suas lutas, e ao mesmo tempo, sobre como esses discursos são vazios dos verdadeiros princípios do movimento. Por que a mulher ainda é vítima de crimes tão cruéis? Por que é hostilizada pelo sexismo em todas as camadas sociais? A pesquisa está pautada em um dos temas populares da sociedade da era tecnológica, em que as informações circulam em frações de segundos e foi assim que os jovens em suas plataformas digitais falam tanto sobre o empoderamento, para esse público tornou-se um produto comercializável.

Como se dá o parecer do movimento no cotidiano, na roda de amigos, nas conversas e debates em sala de aula? Como o contexto escolar contribui para elucidar as dúvidas sexistas envoltas às ciências sociais? São essas inquietudes que parecem simplórias olhando de cima, olhando por uma cultura patriarcal, nesse ângulo, o tema é uma “frescura”, “mulher querendo ocupar o lugar do homem” ou “ser homem”. De acordo com hooks (2020, p. 12), “na maioria das vezes, pensam que o feminismo se trata de um bando de mulheres bravas que querem ser iguais aos homens. Essas pessoas não pensam que o feminismo tem a ver com direitos - é sobre mulheres adquirirem direitos iguais”.

No que tange às definições de poder e empoderamento no âmbito feminino, é preciso levar em consideração a unificação da militância feminista e antirracista, que ressalta que não há hierarquia de opressão. Joice Berth (2019) caracteriza o poder como conduta articulada entre seres ou grupos de vários níveis de autoconhecimento, autovalorização, autoafirmação, no contexto o qual estamos dialogando, é conhecimento sobre posicionamento social, político, psíquico e emocional. Esse processo seria a síntese do empoderamento, do feminismo negro e interseccional. Não há hierarquia de opressão, pois o empoderamento é justamente uma postura de enfrentamento contra as injustiças, a favor da equidade de existência social.

Berth (2019, p. 23) define empoderar como “pensar caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da história”. Berth utiliza Batliwala em “Conceituando empoderamento”, uma intelectual indiana que emerge o pensamento feminista de Cecília M. B. Sardenberg a qual resume o termo como “uma gama de atividades, da assertividade individual até

a resistência, protesto e mobilização coletivos, que questionam as bases das relações de poder”.

Na língua portuguesa, o empoderamento é um neologismo, uso de uma expressão nova atribuída a uma palavra existente; em português significa dar poder ou capacitar. Na perspectiva freiriana, o empoderamento significa libertação. Essa libertação tão sonhada pelo movimento feminista, que faz parte do discurso de Paulo Freire, que coloca a educação como ferramenta para a liberdade.

A mulher no livro didático

É na década de 1970, segundo Bezerra (2001), que o LD de Língua Portuguesa, “com textos, interpretação e gramática”, contendo o ensino de redação, vocabulário e ilustração - consolidou-se. A autora enfatiza a concepção do texto literário, por propor-se à “expressão do belo”, cabendo aos estudantes imitar, na escrita, dos clássicos. O período de grande transformação social, principalmente para movimento feminista, colocando a mulher como figura visível e de direito, a ser citada na história.

A análise das imagens de "mulher", "relações de gênero", "sexismo", "estereótipos sexuais ou de gênero" nos LD, que se inicia nas décadas de 1960-1970, toma o LD seja como "informante" ou como "construtor" de mentalidades, no caso dos "papéis sexuais" ou das "identidades de gênero" conforme o período considerado. Porém, esta produção não se originou de grupos de pesquisa ou de educadores interessados primeiro nos LD: originou-se e se fixa como uma produção de acadêmicas e ativistas feministas que estão demarcando um problema social - a denúncia da "educação diferenciada" de meninas e meninos, o viés "sexista" na educação - e construindo agendas e estratégias políticas de combate à discriminação das mulheres. (ROSEMBERG; MOURA; SILVA; 2009; p. 489-519)

No contexto do recorte desse estudo, as representações da mulher (ou a sua ausência) no LD da Educação de Jovens e Adultos, quando não trabalhadas de forma a problematizar as questões que envolvem a figura feminina na sociedade, e todo universo opressor que sintetiza nas relações de divisão sexual do trabalho, irá contribuir para perpetuar as desigualdades como um todo.

Representações sociais do empoderamento feminino no livro didático da EJA

Este tópico se propõe a analisar os textos verbais e não-verbais na forma dos diferentes gêneros textuais sob os quais se apresentam na seção “A sociedade e seus costumes” da Etapa 2, Unidade 1 denominada “Visões”, de “O livro didático de português: múltiplos olhares” na modalidade Educação de Jovens e Adultos. Cópias de cada trecho seguem abaixo na mesma sequência em que aparecem no LD.

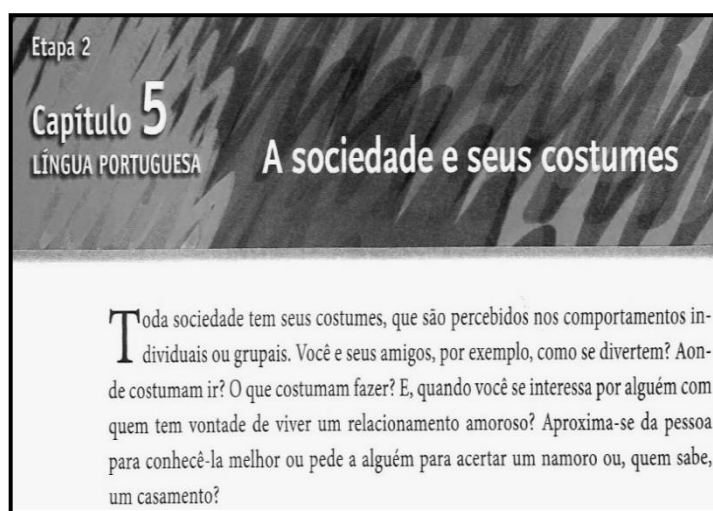


Imagem 1- Livro didático Linguagem e Códigos do Ensino Médio- Capítulo 5 “A sociedade e seus costumes” da Etapa 2, Unidade 1 denominada “Visões”, 2016, p. 226-230.

3313

A imagem 1 apresenta o texto introdutório para o debate sobre “A sociedade e seus costumes”, por meio da produção textual ou da oralidade. O texto propõe aos alunos explorar suas experiências do cotidiano em relação aos grupos em que estão inseridos, por meio de questionamentos que levem os estudantes a refletirem e exporem seus posicionamentos em torno das questões de gênero e seus papéis sociais. Essa didática crítico-social dos conteúdos/temas sociais faz parte de uma abordagem necessária para constituir um indivíduo social e participativo.

De acordo com Moscovici (2015, p.61), as representações sociais estão ancoradas na memória na qual se prende ao conhecimento do presente. E para mudar uma representação social resultado de sucessivas gerações, de modo algum se deve descartar o passado; porém é importante ressignificá-lo. Nesse sentido, observa-se que a proposta inicial permite ao aluno expor suas representações como um conhecimento prévio no âmbito das relações interpessoais. De acordo com Freire (2007, p.22), a educação problematizadora é uma ferramenta para superar a relação opressor x oprimido, e uma educação libertadora, está associada a um processo de problematização de ideologias e relações de poder no contexto

das representações sociais. Tal concepção está intimamente ligada ao conceito de empoderamento, pois como afirma Batliwala (1994, p. 130):

No caso de grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero, o empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que o oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes.

Logo em seguida, o capítulo “A sociedade e seus costumes” propõe uma leitura de Charge, intitulada como “Dia Internacional da Mulher”. A imagem 2 traz uma mulher branca, com vestimenta formal, em diálogo com o seu cônjuge. E diz: - “Querido, cheguei!”. Em contrapartida, o homem, também branco, com roupas informais, mostra insatisfação na realização dos trabalhos domésticos; sua aparência é de uma pessoa cansada e chateada, enquanto a mulher mostra-se feliz.



Imagem 2- Livro didático Linguagem e Códigos do Ensino Médio- Capítulo 5 “Asociedade e seus costumes” da Etapa 2, Unidade 1 denominada “Visões”, 2016,p. 226-230.

De antemão, vale lembrar quais as competências que as propostas de leitura do ensino de Língua Portuguesa pretendem desenvolver, segundo os PCNEM, e entre os eixos a serem trabalhados está o “o texto como representação do imaginário e a construção do patrimônio cultural”. A leitura tem por objetivo, desenvolver no aluno seu potencial crítico e maior capacidade de reflexão diante das situações da vida que lhe são (im)postas.

O empoderamento toma forma na ressignificação das representações do maior opressor das mulheres, “o trabalho”. A imagem 2, poderá ser compreendida por diversas formas, segundo as experiências de cada educando, porém vale

ênfatizar como educadores, e acreditando na transformação social que a educação possui, que a violência de homem contra as mulheres tem bastante repercussão midiática, legislação vigente a favor da mulher; mas o grande problema está no patriarcado. Segundo bell hooks (2020, p. 99):

O pensamento sexista continua a apoiar a dominação masculina e a conseqüente violência. Com uma multidão de homens desempregados e da classe trabalhadora dentro do patriarcado de supremacia branca não sente que tem poder no trabalho, eles são incentivados a sentir que o único lugar onde terão total autoridade e respeito é em casa.

Na obra “O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras”, a autora ênfatiza que “a reação antifeminista extrema enfraquece o movimento”. As “fakenews” sobre o feminismo dizendo que “as mulheres querem o lugar dos homens, todas são lésbicas, todas odeiam os homens, são contra a família, contra os valores morais e éticos, entre outros” contribuem para esse enfraquecimento. Todos esses pensamentos errôneos sobre a luta feminista enfraquecem o empoderamento em si.

COMPREENSAO TEXTUAL I

1. A que data comemorativa a charge se refere?
.....
2. Observe as personagens: como estão vestidas? O que suas roupas sugerem a respeito das atividades realizadas pelo homem e pela mulher?
.....
3. A charge apresenta uma mudança relativa a determinadas práticas em nossa sociedade. Explique qual é essa mudança.
.....
.....
4. Tendo em vista a intencionalidade humorística da charge, qual seria a visão do autor sobre essa mudança?
.....
.....

Imagem 3- Livro didático Linguagem e Códigos do Ensino Médio- Capítulo 5 “A sociedade e seus costumes” da Etapa 2. Unidade 1 denominada “Visões”. 2016. p.226-230.

O exercício proposto na imagem 3 é um convite a reflexões em torno da mudança de paradigma social, denotando que certas trocas de papéis e comportamentos, bem como a inversão de “dominância” não podem mais ser negados, invalidados ou invisibilizados socialmente, logo, o que a atividade estabelece é que o discente reavalie seus valores ao passo que ponham em análise os valores que preponderam nos grupos sociais nos quais estão inseridos. Berth (2019) e Hooks (2020) chamam os leitores, assim como nas práticas leitoras citadas para uma ação importante, à tomada de consciência; A primeira sublinha essa ação como pressuposto para o empoderamento, enquanto a outra ênfatiza a

importância de voltarmos à origem e compreendermos o objetivo da luta, porque para mudar o patriarcado e o sexismo, é preciso mudar a nós mesmos.

Entretanto, para que a referida atividade proponha efetivamente reflexões no nível crítico capazes de fomentar o empoderamento feminino, vai depender de modo substancial do modo como o professor conduzirá essa aula. A proposta do livro deverá ser conduzida de maneira acertiva e consciente, com vistas a uma mudança de pensamento em relação às representações sociais. Isso porque, muito possivelmente, terá que ser o educador a figura responsável por conduzir os estudantes a perceberem que essa mudança nos papéis sociais entre homens e mulheres não é prejudicial aos homens, como pode sugerir a imagem devido ao seu caráter humorístico, mas sim benéfico socialmente e reparador de desigualdades de direitos e de oportunidades outrora negados às mulheres. Além disso, é preciso buscar discutir o trabalho doméstico atribuindo-o o valor que lhe é devido, pois quando são as mulheres que o executa, é visto como algo banal, mas quando é a figura masculina, trata-se de uma atividade ruim, cansativa, desconfortável, por isso a expressão de insatisfação do personagem na charge.

Por fim, cabe salientar que as questões 03 e 04 da atividade dialogam diretamente com a teoria de Moscovici (2015) quando ele elucida que a base da teoria das representações sociais está ancorada no viés dos questionamentos e não na pura e simples adaptação social, uma vez que esta teoria busca o novo, lá onde o peso hegemônico daquilo que é tradicional impõe as suas contradições. Nesse sentido, questionar essas representações socialmente cristalizadas é uma forma de ressignificá-las, e, como isso, reconhecê-las em sua importância para a evolução da sociedade, bem como para o reconhecimento de novos paradigmas, visto que são inegáveis.

O capítulo 5 ainda apresenta uma proposta de leitura interdiscursiva e intertextual, trazendo registros da literatura brasileira que colocará em evidência essa mudança em torno dos papéis e posições sociais de homens e mulheres. Traz um recorte do livro “Senhora” de José de Alencar, obra do século XIX, descrita no LD como um romance. Resumidamente, o enredo retrata uma protagonista é jovem e belíssima, Aurélia Camargo, que fora trocada por Fernando Seixas, seu então noivo, por um casamento arranjado no qual o rapaz obteria mais vantagens financeiras. No entanto, uma reviravolta na vida de Aurélia acontece ao receber uma

herança inesperada, que a leva a um patamar de honra e valorização na corte, o que a deixa em uma posição privilegiada. Movida pelo remorso de ter sido preterida, a jovem arquiteta uma vingança contra o seu antigo noivo. Em posse de muito dinheiro, Aurélia compra Seixas, em um casamento arranjado pelo seu tio e tutor. Casam-se, porém o marido é humilhado constantemente. A tristeza se finda quando Seixas devolve o dinheiro do dote à esposa, alegando amá-la verdadeiramente. Ambos perdoam-se e vivem felizes com suas “vidas financeiras”.

– Decerto, meu tutor; mas essa aprovação o senhor não há de ser tão cruel que a negue. Se o fizer, o que eu não espero, o juiz de órfãos a suprirá.

[...]

– O nome? Perguntou o velho molhando a pena. Aurélia fez um aceno de espera.

– Esse moço chegou ontem [...]. O senhor deve procurá-lo quanto antes...

– Hoje mesmo.

– E fazer-lhe sua proposta. Estes arranjos são muito comuns no Rio de Janeiro.

– Estão-se fazendo todos os dias.

– O senhor sabe melhor do que eu como se aviam estas encomendas de noivos.

– Ora, ora!

– Previno-o de que meu nome não deve figurar em tudo isto.

– Ah! Quer conservar o incógnito.

– Até o momento da apresentação. Entretanto pode dizer quanto baste para que não suponham que se trata de alguma velha ou aleijada.

– Percebo! Exclamou o velho rindo, Um casamento romântico.

– Não, senhor; nada de exagerações. Só tem licença para afirmar que a noiva não é velha nem feia.

– Quer preparar a surpresa.

– Talvez. Os termos da proposta... [...]

– Os termos da proposta devem ser estes; atenda bem. A família de tal moça misteriosa deseja casá-la com separação de bens, dando ao noivo a quantia de cem contos de réis de dote. Se não bastarem cem e ele exigir mais, será o dote de duzentos...

– Não de bastar. Não tenha dúvida.

– Em todo o caso quero que o senhor compreenda bem o meu pensamento. Desejo como é natural obter o que pretendo, o mais barato possível; mas o essencial é obter; e portanto até metade do que possuo, não faço questão de preço. É a minha felicidade que vou comprar. Estas últimas palavras, a moça proferiu-as com uma indefinível expressão.

ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: Ática, 1999. p. 29-33.

GLOSSÁRIO

Atender: prestar.

Aviar: providenciar, realizar.

Conferência: reunião particular sobre assunto considerado importante.

Diligência: procura, busca.

Dote: conjuntos oferecidos pela noiva ou em seu nome ao futuro marido.

Incógnito: oculto, em segredo, a esconder a verdadeira identidade.

Intrincado: complicado.

Lampejo: brilho momentâneo.

Suprir: dar, fornecer.

Lingua Portuguesa

Imagem 4- Livro didático Linguagem e Códigos do Ensino Médio- Capítulo 5 “A sociedade e seus costumes” da Etapa2, Unidade 1 denominada “Visões”, 2016, p. 226-230.

O exerto da obra que o LD destaca traz a questão do casamento, pois a grande mudança foi o “arranjo” partindo de uma mulher, sendo destacada pela fala de Aurélia como uma prática muito comum, porém, entre homens, além de considerado apenas como uma negociação e não um “casamento romântico”. Para a época, a postura da personagem fora considerada muito a frente do seu tempo e demonstrou que o poder econômico é quem realmente gere as relações interpessoais. O trecho em questão traz um vocabulário carregado de estereótipos direcionadas à mulher, o que pode ser evidenciado pelo professor que conduzirá a aula para demonstrar que a mulher vem sendo subjugada desde sempre. Percebe-se claramente no discurso do texto que havia muita preocupação não só em relação à condição financeira da pretendida, mas também em relação à sua aparência, visto que envidencia-se a

jovialidade e a beleza, que fica evidenciado quando determinado personagem afirma que a noiva não seria “velha, feia ou aleijada”. Além disso, em toda a obra lê-se que a protagonista era belíssima e jovem, salientando essa preocupação por parte não só dos homens, mas da corte (sociedade).

As representações sociais presentes no texto literário servem para serem analisadas e comparadas, tanto com os textos anteriormente citados na proposta, quanto com o que se observa na contemporaneidade.

Diante do exposto, conclui-se que o trabalho de leitura, interpretação e resolução de exercícios se forem realizados de modo contextualizado e despido de preconceitos, pode conduzir a um empoderamento feminino, visto que contém elementos vários que, através de uma leitura crítica e atenta, permitem ressignificar tais paradigmas sociais. Com um olhar panorâmico, observa-se o qual produtiva e significativa é a proposta do livro, que, inicialmente, faz uma prévia do assunto que será abordado; depois traz um texto multimodal de caráter crítico e humorístico; na sequência conduz o leitor a uma leitura de imagens (por meio das questões 01 e 02 da atividade), e depois, por meio das questões 03 e 04 conduzem o estudante a refletir sobre as relações sociais e de trabalho entre homens e mulheres no contexto contemporâneo; e, por fim, ainda traz um exerto de uma obra literária com intertextualidade e interdiscursividade, capaz de aludir ao fato de que os papéis sociais de gênero já eram questionados, mesmo quando a mulher era tratada como mero objeto de troca de interesses, sobretudo financeiros.

Cabe ainda salientar que, sendo o público da EJA formado por jovens trabalhadores que precisam liberta-se dos pensamentos sexistas em torno das relações sociais, a desconstrução da figura feminina ligada ao trabalho doméstico ou às profissões do “cuidado” consiste na problematização dessa representação constituída histórica e culturalmente.

Os empecilhos na formação de leitores e a promoção de letramentos dentro e fora da escola dificultam a quebra desse paradigma patriarcal. O educador em uso das discussões que permitem as práticas de leitura na escola deve possibilitar uma reflexão sobre temas complexos, encarando a leitura sempre como uma “atividade interativa altamente complexa de produção desentidos, que se realiza com base nos elementos linguísticos do texto, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo” (KOCH; ELIAS, 2013, p. 11).

E, por fim, dar vazão a propostas de leitura que possam promover o empoderamento feminino nas práticas de leituras da EJA, é relevante porque, segundo Schwartz (2013, p.13), “o espaço da sala de aula é um ambiente permeado de significados e de estímulos que conduzem e induzem o aluno e educador ao prazer de aprender e ensinar”. Além disso, noções de empoderamento e os princípios do movimento feminista resumem em uma palavra fundamental para o público em questão, a equidade, saber que todos merecem oportunidades iguais de trabalho, de saúde, educação, enfim, melhores condições de vida. A misoginia, aversão ao feminismo, o patriarcado e a opressão, precisam ser termos relacionados ao um passado sombrio, distante, longe da luz do conhecimento.

Considerações Finais

A sala de aula e o componente curricular Língua Portuguesa foram tomadas aqui como ferramentas de empoderamento; a primeira como palco e segunda como prática. A história da luta feminista, desde o início, é apontada por dolorosas e marcantes transformações. O processo de significação da mulher no campo das relações sociais perpassa pela grande opressão sexista da divisão do trabalho. A origem da família elucidada a origem da opressão da mulher e a condiciona ao lugar secundário na hierarquia, onde a figura do pai “patriarcal” sobressai-se.

Em décadas de militância, de várias conquistas, não foi amenizado o número crescente de mulheres violentadas pelo mundo. Os grandes índices são sinônimos de algo enraizado no seio social, onde estão as construções culturais por gerações. O fato é que, a mulher vem alcançando notoriedade; entretanto, ser inserida no mercado do trabalho não trouxe para o público feminino a libertação da opressão.

A presença do público feminino na EJA mostra a força e perseverança da mulher em ressignificar o seu papel social; não é de coadjuvante; porém é por igualdade, equidade, sonoridade. A importância do movimento feminista consiste numa luta em que o bem chegue para todos, pois não há lugar para violência onde o ser humano é tratado com respeito e dignidade. A prática do empoderamento em Berth (2019, p. 29) ao pé da letra, significa dar “poder” ou “capacitar”, ou em seus estudos; em Julian Rappaport em 1977, “empowerment” é instrumentizar certos grupos oprimidos para que pudessem ter autonomia. A representação social da

mulher será da forma como a sociedade a vê, ou seja, da forma que ela é construída. Engels (2020) ratifica que a família é produto social e refletirá o estado de cultura desse sistema. Cabe aos educadores transformar os espaços educativos em espaços de poder, capacitação de indivíduos dispostos à mudança das representações estereotipadas ou opressoras instituídas.

Que o educador, através das práticas de leitura, escrita e/ou oralidade consiga desenvolver as competências estabelecidas pelos PCNEM; mas que acima de tudo esses estudantes sejam capazes de questionar a ideologia patriarcal e quebrar as barreiras que a discriminação de gênero propõe reforçando-se e perpetuando-se. A ressignificação começa por nós, dentro de cada profissional da educação que acreditada num ensino para libertação.

A análise do capítulo 5, Unidade 1, do livro didático de Língua Portuguesa ,destinado à modalidade Educação de Jovens e Adultos, analisou as representações sociais da mulher para a construção do empoderamento feminino no âmbito social. A análise concluiu que o referido capítulo, de fato, atende a uma expectativa de promover uma leitura crítica do mundo no que tange às relações de trabalho e de gênero. A sequência de textos e atividades, se forem trabalhadas sem um olhar preconceituoso e estereotipado, pode contribuir para a uma ressignificação das representações sociais associadas aos papéis sociais dos homens e das mulheres na contemporaneidade.

3320

Referências

BATLIWALA, S. "The Meaning of Women's Empowerment: New Concepts from Action". In: SEN, G.; GERMAIN, A.; CHEN, L. C. (Eds). **Population Policy Reconsidered: Health, Empowerment and Rights**. Boston: Harvard University Press, 1994, p. 127-138.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONÍSIO, Ângela. **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro, 2001.

BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio**. V. 1, Brasília, DF:MEC/SEF, 2006.

BRASIL. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**, PCN+ Ensino Médio- linguagens, códigos e suas tecnologias. V. 1, Brasília, DF:MEC/SEF,2000.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Livro didático como assistência ao estudante. **Revista Diálogo Educacional**, v. 9, n. 26, p. 119-130, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. Volume 22. Cortez editora, 2011.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. **Educação de Jovens e Adultos**. Rev. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2010.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3 ed. São Paulo, Contexto, 2013.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. In: Representações sociais: investigações em psicologia social. 9ª ed. Vozes, 2015.

PEREIRA, Marina Lúcia. **A construção do letramento na educação de jovens e adultos**. Autêntica, 2017.

ROSEMBERG, Fúlvia; MOURA, Neide Cardoso de; SILVA, Paulo Vinícius Baptista. Combate ao sexismo em livros didáticos: construção da agenda e sua crítica. **Cadernos de pesquisa**, v. 39, p. 489-519, 2009.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de jovens e adultos**: teoria e prática. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

3321



Roberta Pacheco Caetano Borges

Graduada Pedagogia e Especialista em Leitura e Produção Textual Aplicadas à Educação de Jovens e Adultos. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano. Atua como Técnica na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

E-mail: robertacaetanoborges@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1828939717241848>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2673-9615>

Autor 2:



Emanuela de Souza Cordeiro

Graduada em Letras vernáculas pela UNEB, Mestra em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela UESB e professora EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano.

E-mail: professoraofle@gmail.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9195617040564418>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8074-2423>